

**EDUCAÇÃO – UM MOSAICO FEMININO
DA HISTÓRIA ÀS HISTÓRIAS – A RAZÃO DAS NARRATIVAS EM SALA DE
AULA**

**Cavalcanti, Joana
Pinheiro, Ana Cristina
Cortesão, Irene
Medeiros, Paula
Ribeiro, Sara**

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

RESUMO

O estudo “Histórias no Feminino: a influência das narrativas na construção identitária de mulheres educadoras em Portugal e em Espanha” foi desenvolvido ao longo de dois anos com investigadores da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti e da Universidad de Madrid. O grupo de trabalho centrou as suas atenções para uma investigação qualitativa, de carácter biográfico, baseada em histórias de vida, tendo entrevistado onze educadoras/professoras portuguesas e espanholas, optando-se por apresentar agora apenas seis histórias, todas narradas por mulheres portuguesas.

Neste artigo os autores abordam uma parcela do estudo e centram-se em seis entrevistas no que diz respeito ao papel da mulher como educadora que conta histórias. Assim, focalizam-se várias dimensões da mulher ao assumir-se como contadora de histórias, quer ao falar de si mesma ou de outra mulher que conta histórias. Neste artigo, apresentamos o discurso de algumas entrevistadas que ao narrarem a sua relação com a hora do conto resgatam aspetos importantes da sua infância. No resgate, elas reconstróem-se numa memória afetiva relacionada com os contos, as personagens, os sentimentos desencadeados após terem ouvido ou lido uma boa história.

PALAVRAS CHAVE

Mulher – feminino – conto – história - educação

ABSTRACT

The project research "Stories in the feminine: the influence of the narratives in women educator's identity construction in Portugal and in Spain" was developed over two years with researchers from Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, and Universidad de Madrid. The group developed a qualitative research, with a biographical nature, based on life stories, having interviewed 11 Portuguese and Spanish educators/teachers. In this text we present only six of these stories, all narrated by Portuguese women.

This article covers a part of the study and focus on six interviews regarding to the role of women as educators and storytellers. Thereby, the article focuses on women's different dimensions, assuming themselves as storytellers, whether talking about themselves or about another storyteller woman. In this article we present the speech of some of the women interviewed that, as speaking about their relationship with Storytelling time, rescue important aspects of their childhood. In this process, they rebuild themselves in an affective memory related to the stories, the characters, the feelings triggered after experienced when they hear or read a good story.

KEY WORDS

Woman – female – tale – history - education

1. DO CONTEXTO AO TEXTO – HISTÓRIAS NO FEMININO

As histórias são os lugares que habitamos, de onde viemos e, quiçá, para onde vamos. Portanto, é razoável que também se produza material capaz de se constituir como espaço de reflexão, sobretudo de troca para a discussão em torno da importância das histórias na construção identitária dos vários grupos sociais.

Por conseguinte, é-nos importante focalizar o nosso estudo na questão de como os contos influenciam e interferem na construção das narrativas identitárias de mulheres educadoras¹ por motivos diversos, mas muito especialmente porque se sabe que a mulher tem uma representação bastante significativa na maioria dessas histórias (Lopes, 1989).

É nesta linha que se pretende desenvolver este trabalho, definindo como objeto central da investigação as histórias e o modo como estas interferem na construção identitária de mulheres educadoras em Portugal e Espanha. As mulheres não se constituem aqui como nosso foco principal. O nosso maior interesse situa-se na análise das suas histórias de vida para saber se estas foram influenciadas pelos contos lidos e ouvidos, essencialmente no que diz respeito à razão pela qual contam histórias, como o fazem e com que intencionalidade. No caso concreto, neste artigo apresentamos as diferentes dimensões da mulher como contadora de histórias, suas e de outros. Não podemos esquecer que, tradicionalmente, a mulher tem ocupado um lugar de relevo na educação em consequência de muitos aspetos relacionados com fatores que vão desde a maternidade, força física e sensibilidade até outros relacionados com as competências cognitivas e emocionais, pois de facto as histórias continuam a ser um dos principais instrumentos pedagógicos. As histórias relacionam-se com a aprendizagem e interiorização de valores, além de outras aprendizagens que se fazem de forma transversal e interdisciplinar e, em geral, na infância e juventude, mediadas por uma mulher que conta e lê histórias.

2. METODOLOGIA: TRABALHO BIOGRÁFICO

A organização de um estudo pressupõe um olhar clarificador para o seu principal objetivo, mas sempre tendo em conta tudo o que em torno dele circula: o público-alvo, o tempo, os recursos, os pressupostos teóricos. Este exercício de reflexão, na procura de um método adequado ao objetivo de pesquisa, foi desenvolvido pelo grupo de investigadores da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti e da Universidad de Madrid

O estudo, “Histórias no Feminino: a influência das narrativas na construção identitária de mulheres educadoras em Portugal e em Espanha”, pretende descrever de forma intensiva as vivências concretas de indivíduos. Encontrando-se no exercício da sua profissão como educadoras, queremos perceber como olham para os contos na sua realidade atual, em que medida foram marcadas por estes contos e de que forma marcam outros através deles. Neste artigo pretendemos sublinhar as várias dimensões das mulheres como contadoras de histórias, não esquecendo os processos de identidade que se

¹Considera-se aqui como “educadoras” as mulheres profissionais de educação – Educadores de infância e professores de primeiro ciclo do ensino básico

constroem permanentemente no ato de narrar.

Para analisar a influência dos conteúdos dos contos nas narrativas identitárias em mulheres profissionais de educação, optámos por utilizar uma estratégia metodológica de tipo biográfico, mais concretamente, as histórias de vida. Pressupondo que as narrativas biográficas são configuradas, tanto pelas circunstâncias particulares da vida de cada sujeito, como pelos significados em jogo na sociedade, entendemos poder considerar, a partir da análise das narrativas das educadoras, duas dimensões fundamentais. A primeira diz respeito a um conjunto de significados e valores que se estruturam a partir das personagens presentes nos contos; a segunda dimensão relaciona-se com o modo como esses significados e valores se articulam com a noção de identidade.

As histórias de vida, comumente elaboradas a partir de entrevistas em contextos de investigação, constituem uma estratégia metodológica particularmente adequada à identificação de um conjunto de estereótipos, valores e outros sentidos sociais e culturais que são apropriados pelos sujeitos, e que se articulam, posteriormente, nas narrativas sobre si e sobre os outros. Estas narrativas são consideradas por Denzin como uma das expressões mais próximas das identidades dos indivíduos. Diz o autor: “(...) as pessoas são construídas pelas histórias que contam”² (2009, p. XI). Segundo o mesmo autor e de acordo com esta perspectiva, a articulação entre as condições materiais e as práticas discursivas e narrativas revela-se central na configuração dos sujeitos e das suas identidades (2009).

3. A MULHER E O CONTO: O PODER DA PALAVRA

Acredita-se que no período histórico que antecede a Idade Média era atribuído à mulher o poder da palavra, do sagrado e do conhecimento. O feminino tinha a ver com a alma e com aspetos míticos e divinos, portanto à mulher eram conferidas capacidades de intervenção na organização social. Entretanto, a Idade Média trouxe uma perspectiva diferente da mulher que passa a ser considerada como uma ‘identidade’ perigosa, maléfica e relacionada com forças inferiores. Embora o papel e a imagem da mulher tenham sofrido alterações profundas na passagem de um tempo ao outro, será na literatura de carácter oral que se manterá o arquétipo do feminino, em toda a sua dualidade, como força renovadora capaz do poder da transformação.

Sabe-se que os contos surgiram muito antes da escrita e têm uma forte relação com a oralidade que durante um vasto período da história se constituiu como uma instância de poder, ou seja, a palavra era conotada como apropriação, poder, conhecimento e tinha uma ligação com o sagrado. O ato de narrar era um ato de poder e conhecimento capaz de mudar a realidade (Warner, 1999).

Durante muito tempo os contos de fadas transitaram quase no obscurantismo, já que eram considerados como histórias para os incultos, as mulheres e as crianças e, talvez o facto de terem sido transmitidos quase que na clandestinidade fez com que se fortalecessem e migrassem pelo mundo com uma força sempre renovada, ocupando as salas de fiação, os espaços da

²Tradução das autoras

agricultura e as cozinhas. De facto, parecem nunca ter abandonado as representações de origem, mantendo o vínculo com o mito e o sagrado, mas incorporando a esfera do pagão de onde se originam personagens icónicas como fadas, bruxas, ogres, entre outros (Warner, 1999).

Apenas no séc. XVII os contos alcançam um outro estatuto, sendo principalmente transformados em histórias para as crianças, enquanto na ascensão da burguesia serviam como consolo para o povo (Warner, 1999). Com efeito, é provável que os contos narrem também, de maneira simbólica, o trajeto da (re)construção identitária da mulher que se dedica profissionalmente à educação de crianças e jovens, embora a descoberta deste trajeto não seja o objetivo da nossa investigação. Assim, da mesma forma, chegaram até aos nossos dias mantendo os seus arquétipos e as suas várias funções como a simbólica, recuperadora, sagrada, mítica, psicológica, histórica e social, entre outras.

Ora, é pertinente deduzir-se que os contos interferiram e interferem na (re)construção da identidade da mulher que durante grande parte deste percurso foi e é, na maioria da vezes, a voz dessas narrativas. Se considerarmos que durante um longo período tal género literário se constituiu basicamente na única leitura das crianças e mulheres, então corroboramos com Ijsseling quando afirma que “O que se lê deixa as suas marcas e é, certamente quando se lê bem, determinante para o que se pensa e para como se pensa.” (citado por Borges-Duarte, 2000: p.33).

Certamente o ouvir histórias narradas por mulheres influencia as crianças na sua visão do mundo, mas o conteúdo simbólico dos contos traduz uma conceção da realidade, que extrapola a dimensão do narrador e assume-se como marca e herança cultural.

4. O PODER DO CONTO

Narrar e efabular sempre fez parte da natureza humana. Esta foi desde sempre potenciada pela necessidade e capacidade de se viver em grupo a partir de processos de interação social. Tornar-se pessoa inevitavelmente está condicionado ao desenvolvimento de uma linguagem que extrapola a dimensão da comunicação, pois se o viver em grupo concede sentido à linguagem, a linguagem propõe sentidos múltiplos para a interpretação e compreensão das várias experiências humanas. Com efeito, até podemos afirmar que a linguagem, para além de ser o espaço onde se concretiza a comunicação é também o lugar onde se constrói o pensamento, a racionalidade, a ficção, a imaginação e os vínculos afetivos, tal como propõem os estudos do investigador chileno Humberto Maturana (2002), realizados no âmbito da Biologia do Conhecimento.

O ser humano comunica e expressa-se de forma bastante ampla ao fazer da palavra um instrumento de apropriação e “apoderamento” do mundo. Ele próprio é a palavra e as suas várias possibilidades de realização histórica. Parece-nos que é a palavra que faz a memória individual e coletiva, seja oral ou escrita, portanto a palavra constrói a memória.

A grande questão é como e quando a palavra, antes isolada e utilizada apenas como instrumento de domínio da realidade, se converteu em narrativa,

em efabulação e expressão consciente da vida, sendo memória e tradição. O facto de a linguagem se ter desenvolvido ao longo dos tempos tem a ver com a memória e a repetição dessa memória através da herança que se vai anelando entre as gerações, promovendo a capacidade de nos situarmos num *continuum* histórico resultante da coletividade, mas muito especialmente tendo como matéria-prima as histórias, ou seja, as biografias dos sujeitos. Neste sentido, a palavra é o que dá origem à tradição, pois:

“(...) desenvolve-se e mantém-se através da repetição e a repetição, por sua vez, acontece nos contos como na vida, numa tentativa simultânea de ritmo, de recuperação e de mnemónica. Seria assim uma *trans-missão*, a dos contadores, detentores e divulgadores de uma memória colectiva?” (Meireles, 2005, p. 10)

Embora não seja a nossa intenção aprofundarmo-nos na antropologia da linguagem ou mesmo dos contos, enquanto narrativas originadas pela oralidade, consideramos importante refletir sobre os contos enquanto narrativas tradicionais que se perpetuam e reconstróem através dos tempos. De certa forma, estes são uma espécie de memória muito especial, circular e abrangente das diversas culturas porque traduzem pela palavra que, em muitos sentidos dos seus eixos sintagmáticos, pode ser interpretada como fio de ligação e de união entre os membros de uma coletividade, bem como de recuperação. Por outro lado, queremos compreender o que é recuperado pelas palavras que se agrupam nas narrativas, especificamente no conto.

Inúmeros estudiosos dos contos tradicionais procuram materiais que possam dar respostas ao porquê de tais narrativas, aparentemente tão simples e ingénuas, permanecerem no imaginário de crianças e adultos desde os tempos mais remotos de que se tem conhecimento, sendo estes uma das mais fortes expressões simbólicas e humanas.

Para além disso, principalmente naquilo que diz respeito aos contos de fadas, interessa saber por que é que os arquétipos que giram em torno do feminino estão marcadamente presentes por meio de símbolos investidos do sentido de poder, nem sempre explícito, por vezes paralelo. Certamente, não daremos respostas para tantas questões, apenas sugerimos possibilidades na intenção de que o leitor possa aprofundar o seu conhecimento através de outras fontes.

5. HISTÓRIAS DE MULHERES SOBRE MULHERES

Violeta, Margarida, Magnólia, Maria, Celeste e Camélia são as seis entrevistadas e contadoras da sua própria história de vida. Apresentam-se aqui fragmentos de histórias narradas por estas mulheres que descobrem o valor do conto através das suas contadoras. É notável a presença da mulher na transmissão de histórias às crianças e, talvez, seja possível afirmar que a memória que muitos adultos têm dos narradores que habitaram a sua infância se situa na voz feminina, em geral a mãe, a avó, a tia, a educadora.

5.1. Violeta, a mulher-mãe

Aos 32 anos, Violeta, nascida no coração da cidade Porto, mas com

raízes transmontanas por parte dos pais traduz-se ao narrar a sua história. Violeta é Educadora de Infância e conta com paixão histórias, prazer descoberto, por acidente, nos estágios realizados no âmbito da sua formação profissionalizante. Refere, com alegria, a escolha amadurecida pelo Curso de Educadora de Infância aos vinte e quatro anos de idade. Assume-se no início da sua carreira, trilhando agora os primeiros passos na profissão, cheia de jovialidade, alegria e expectativas.

Na senda das memórias da infância, recupera o cheiro da terra, e, porque cresceu em meio citadino, Violeta faz questão de frisar a sua estreita e contínua ligação ao telúrico, ao convívio com o verde intenso da aldeia de Carrazeda de Ansiães, onde passava os períodos das longas férias de verão, brincando despreocupada. Recorda esse tempo muito feliz:

“Sim, (a infância) foi predominantemente ligada à terra, porque, repara, nós íamos sempre cerca de dois a três meses, nas férias grandes, a Trás - os - Montes, à aldeia (Carrazeda de Ansiães). Nós íamos no final de junho e só voltávamos em setembro.”

Lembra-se, contudo, nitidamente do momento, em que se identificou com a menina perdida na floresta. A mãe recontava-lhe a história do Capuchinho, seguindo o ritual da refeição, e, de repente, sentiu muito medo. Intuitivamente, ao evocar esta memória, sente-a como a sua memória mais antiga, a mais marcante, entre todas as que a prendem aos momentos de ouvir a mãe contar-lhe histórias. Conforme nos confidencia:

“Devia ter para aí uns seis anos, quase nos sete, e... lembro-me da minha mãe me estar a contar... [pausa]. Tenho a sensação que já não era a primeira vez que o ouvia (alude ao conto do Capuchinho Vermelho). Lembro-me dela me estar a contar, quer dizer, supostamente devo tê-lo ouvido até muito mais novinha, aos três ou quatro anos... [pausa]. Mas recordo-me particularmente desse episódio, dela me estar a contar a história do Capuchinho e eu me ter identificado muito com a menina que estava perdida na floresta. Lembro-me disso... [pausa]. De ter ficado com muito medo. Lembro-me de ter questionado a minha mãe: ela perdeu-se, e agora? Lembro-me claramente disso.”

Prosseguindo a conversa, explica-nos, depois, ao abordar as eventuais semelhanças entre o seu conto preferido e a sua própria vida, que nunca havia refletido anteriormente nesse assunto. Mas, intui agora uma ligação, pois apercebe-se que, de facto, nesse dia, se projetou claramente na personagem, recordando que também ela própria se havia perdido dos pais nesse verão:

“Talvez sim..... [pausa]. Agora que me estás a perguntar, lembro-me que no verão anterior eu me tinha perdido dos meus pais na praia... [pausa]. Talvez tenha sido por isso que eu tenha ficado muito aflita por a menina se ter perdido na floresta. Lembro-me desse momento também.”

Assim, compreende-se que esta história funcionou para si também como um modelo regulador de comportamentos a seguir ou rejeitar, disciplinadora de atitudes, vivenciando ela própria, enquanto criança, a angústia da personagem:

“Foi o que mais me marcou. Não sei se pela sensação negativa que eu tive de ficar perdida na floresta, talvez... [pausa]. Mas, se calhar, foi por isso. Mexeu comigo e eu senti necessidade de questionar a minha mãe: e

agora o que é que a menina vai fazer? O que é que ela faz? E, se eu ficasse perdida? Porque, eu, claramente me projetei na personagem. O que é que ela vai fazer ali perdida?”

Não reconhece, no imediato, que o gosto pelas histórias a tenha conduzido ao seu percurso profissional, nomeadamente ao curso de Educadora de Infância. No entanto, no decorrer da conversa, apercebemo-nos de marcas impressas, ainda que inconscientemente, pela mãe, na atual Violeta – contadora de histórias e no prazer que vivencia ao contar histórias aos “seus meninos”, ao dizer:

“Mas, recordo-me mais do que a ilustração. Sabes, a minha mãe é muito expressiva. Lembro-me que ela colocava assim uns tons de voz diferentes [arrasta a voz, modulando-a]... e isso é importante. A expressão corporal dela, também. Depois fazia aquelas caras: se fosse de maldade, ela franzia as sobrancelhas e fazia uma cara muito má [mimetiza as expressões]; quando, no final, tudo se resolvia, ela fazia uma cara muito feliz. Era tudo contemplado pela expressão gestual.”

Prossegue, tecendo considerações sobre espaços simbólicos dos contos e estereótipos que reconhece nas histórias tradicionais (proteção da casa / perigo da floresta; fragilidade feminina / masculinidade; o bem / o mal ...), reconhecendo pela sua experiência pedagógica o papel que lhes cabe na estruturação das crianças, deixando transparecer na conversa as preocupações pedagógicas que norteiam às escolhas que faz para os seus alunos na sala de jardim-de-infância. Referindo-se à inculcação de valores subjacente às histórias tradicionais, afirma que:

“No meu ponto de vista (as histórias tradicionais) são muito importantes. Para já, porque sou menina e me projetei na figura da menina no conto “Capuchinho Vermelho”... A parte feminina é muito importante porque os miúdos associam quase sempre à mãe. É uma referência, normalmente eles identificam-se: as meninas com as figuras femininas e os rapazes associam-nas às mães... As meninas surgem nos contos sempre como seres mais frágeis do que os rapazes ... e os rapazes, representam a masculinidade, lá está.”

Assim, a *Violeta-mãe*, privilegia os afetos, recorrendo à leitura do livro, à estética e qualidade das suas ilustrações, na hora de dormir, como momento apaziguador do dia. Percebe-se que controla a expressividade gestual que lhe é própria e deveras explorada noutros contextos, para não afugentar o sono ao seu menino de cinco anos:

“Não é o contar que é diferente, aí acho que é o ... (nome do filho) que lucra menos... aí recorro mais ao livro, porque conto mais histórias quando ele vai dormir. Sabes, não quero alterar a rotina dele, o tomar banho, o deitar-me com ele e ler a história. É um ritual... Se apresentar um flanelógrafo, ele vai ficar excitado, altera tudo... com os miúdos estou mais absorvida, é uma atividade. Com o ... (nome do filho) é a mãe que está ali, são os afetos entendes?”

5.2. Margarida e a mulher que não contava histórias

Margarida tem sessenta e quatro anos. Fala da sua infância com um ar

tranquilo e sonhador e, com muito sentido de humor, leva-nos para um mundo mágico onde cresceu e onde claramente sente muito prazer em voltar. É a mais nova de nove filhos e pensa que isto fez com que a sua infância tivesse características especiais:

“Tenho sessenta e quatro anos, nasci no dia 9/2/47, num domingo, às cinco da tarde, num dia extremamente chuvoso, com um frio de rachar. Sou a nona filha, portanto de nove filhos sou a última e fui a única que nasceu no hospital, portanto não sei se não fui trocada à nascença (risos).”

O ambiente cultural e familiar levaram-na a viver desde muito cedo e estar em contacto com a infância. Como irmã mais nova, desde cedo teve sobrinhos que ficavam à sua responsabilidade e saboreou esses momentos com imenso prazer.

Através dos livros fugia para um outro mundo, o das histórias onde se transformava em inúmeras personagens que viviam num mundo seu. E essas viagens para os outros mundos foram estruturantes na sua relação com a vida e com o mundo. As histórias contadas oralmente têm uma presença muito menor na sua memória.

“E as histórias, quando eu lia as histórias de encantar, as histórias de fadas, eu embrenhava-me completamente na trama e não existia mais nada, porque eu deixava de existir praticamente e o que passava a existir era aquilo que eu estava a ler. Eu estava lá metida, não sei bem qual a figura que eu fazia, qual era o meu papel, se princesa, se pobrezinha. [Eu] Chorava. Lembro-me de ler aquela história “A Menina dos Fósforos”, por exemplo, e chorava com a história que era muito triste, então tudo isso faz parte da minha vida... Contavam-me muitas histórias, sim. Contavam-me histórias, mas a recordação que tenho das histórias, não sei porquê, é mais ligada à leitura, do que propriamente ...não tenho grande... de certeza que me contavam histórias... não me lembro de estar ao colo da minha mãe... eu já não conheci as minhas avós ... Portanto, já vim com um espaço entre os meus irmãos mais velhos muito grande e minha mãe dava-me imensos mimos, colo, mas não tenho recordação da minha mãe a gostar de contar uma história.”

5.3. A mulher-avó, a mãe das histórias

Magnólia tem trinta e três anos, nasceu, cresceu e vive em Vila Nova de Famalicão, a sua “cidade do coração” e diz-nos:

“E pronto, fui sempre marcada por esta parte, mas ao mesmo tempo tinha uma avó que alimentou muito isto. E acho que isto tem muito de genético mas também muito da minha Avó. A minha Avó foi a minha Mãe das histórias...”

“Desde pequenina que eu fui alimentada com aquele banho de linguagem, aquela imaginação fértil que a minha Avó tinha, aquele gestos, aquele olhar, aquilo tudo...aquilo para mim é o que a minha avó é...era... e acho que tenho esta veia artística por parte da minha Avó, mas também foi muito adquirido por esta experiência que tive com ela... a originalidade, a

magia a imaginação, aquilo tudo isso está cá, nunca fugiu.”

“Eu nunca me esqueço de uma... não sei se esta história existe, ou se não existe... a minha avó inventava muitas histórias, mas eu nunca mais me esqueço da “Torre da Babilónia”. Nunca mais me esqueço... essa história está marcadamente cá dentro. É engraçado que parece que ainda sinto os cheiros da história da minha avó... Eu era mínima e ainda me lembro. Dizem que as crianças não se lembram mas ninguém me avivou a memória mais tarde. Eu lembro-me que isto foi no Algarve, eu era mínima e a minha avó contava-me histórias a qualquer hora. Mas lembro-me que era na hora em que eu não queria fazer a sesta, queria ir para a praia e a minha Avó contou-me essa história.”

Reconhece assim os contos como uma espécie de guia para se perceber e preparar para o mundo real:

“A minha avó já morreu... ainda há pouco tempo atrás era viva... e estava consciente... e a cada passo da minha vida contava-me histórias para que eu pudesse compreender algumas coisas ou para fazer com que eu fizesse determinadas coisas. Ela contava histórias com uma finalidade lúdica, mas também com intencionalidade... era muito assim a minha avó.”

Esta ligação afetiva profunda com a infância surge sempre ligada à figura da Avó, a contadora de histórias, que com os seus contos conseguiu enfeitiçar a Magnólia (e as outras crianças da família), fazendo crescer a capacidade de imaginar, de sair do mundo real e passear por lugares diferentes, recorrendo à voz e às expressões físicas como suportes para contar as histórias:

“(...) a minha avó usava a face. Era a face. A face era fantástica. Tenho um primo meu que diz, quando a avó contava histórias ela conseguia-nos pôr com terror, para mim esse terror era fantástico! Nós chegávamos quase até ao fim da história... ah!... (Susteve a respiração) à espera do que saía dali. Era fantástico porque nos prendia completamente!”

Como contadora de histórias, Magnólia segue a avó, modelo incontestável:

“É muito raro. Muito raro... a não ser quando estou lá com o livro... costume fugir um bocadinho... Roupas não... é muito a minha cara. Até é rara a situação em que utilizo roupa. Conto muito mais histórias não lidas. As lidas são muito mais presas, mas condicionadas e eu gosto muito mais de contar as histórias tradicionais... e, às vezes, invento! Invento!”

Relativamente aos sons, diz:

“Sons é o som da minha Avó... aquela voz entoada, aquela voz... e ao mesmo tempo aquela voz meiga que... afagava. Tinha aquelas partes mais monótonas, depois as principais... era fantástico. E agora que estamos aqui a conversar parece que vem tudo assim ao de cima, não é? Parece que tudo reaviva, parece que a estou mesmo a ver a contar histórias como se fosse hoje. Parece que aquilo que aconteceu que lhe contei parece hoje. Não me esqueci de nada. Parece que estou na cama, com festinhas na cabeça a ouvir a história, com aqueles sons, aquela voz, aquela cara, aquilo tudo. Independentemente de estarmos a conversar,

lembro-me. A minha avó foi uma referência em tudo, em tudo. E de facto era uma contadora de histórias inata! Ela não aprendeu com ninguém nada. Ela não teve formação em nada e a minha avó era... eu digo, a minha avó tinha arte dentro dela. E isso em todos os sentidos... a minha avó contava histórias, o meu avô não tinha muito jeito, a minha Mãe também não, e era a minha avó. “

5.4. Maria e a mulher-professora

Maria tem quarenta e quatro anos e é professora de Educação Especial. Nasceu no Porto onde vive e trabalha, atualmente. Fez a sua formação inicial em Educação de Infância, especializou-se em Educação Especial.

Em criança, Maria brincava com os seus irmãos, amigos e vizinhos, corria, andava de bicicleta, lia e escutava histórias. Não se lembra quem as contou. Recorda-se, somente, que quando foi para a Escola já conhecia a maior parte dos contos tradicionais. Depois de ter ingressado na escola, Maria recorda-se da sua professora primária:

“(...) a minha professora primária também gostava muito de contar histórias e perguntava sempre: “qual é a moral desta história?” e nós tínhamos que dizer. O que acontecia era muito contraproducente, ou seja, quando se tinha que dizer a moral da história, quase que se deitava por terra toda a imaginação, acaba por um pendor muito pragmático, para saber para o que é que serve... não tem que servir para nada, pode ser uma história completamente inventada, para divertir!”

Por volta dos 8 anos de idade, Maria teve um problema de saúde e deixou, por isso, de poder acompanhar as outras crianças nas “correrias”. Passou a ficar mais tempo dentro de casa e encontrou nos livros a sua principal companhia. Por essa altura, como nos disse, “devorava livros”. Explicou-nos que este seu gosto pelos livros e pela leitura se devia também ao facto de ter em casa muitos livros, um património acumulado pela família e que era acrescentado pelos presentes dos amigos.

5.5. Celeste e a mulher-tia

Numa pequena aldeia em Trás-os-Montes, região ao norte de Portugal, traçada pelo Douro e os montes, nasceu a menina Celeste no ano de 1958. Filha de proprietários de terras e com uma vida confortável viveu naquele lugar até os seus cinco anos de idade. Uma primeira infância marcada pela liberdade das brincadeiras na rua, a companhia dos amigos, os pés em contacto com a terra... tempos muito felizes, tal como nos diz a entrevistada, protagonista desta história:

“Tive uma infância feliz na aldeia. Não tenho muita noção do que se passou, mas com a morte repentina de meu pai, tivemos de vir cá para baixo. Foi algo terrível, que ninguém contava... [lá] era mesmo uma infância feliz... cá em baixo também tive uma infância feliz, mas diferente. Cá era tudo mais controlado.”

O percurso de Celeste foi inevitavelmente condicionado pela morte de seu pai, a partida da pequena aldeia e a chegada a Gaia, onde tudo se

transformou. Agora, exigiam-se mais sacrifícios. Contudo, a vida compensou-lhe porque ao ter vindo viver para Gaia, logo encontrou na escola amigas com quem conviveria um longo período da sua história. Diz mesmo que foi “meio adotada” pela família destas amigas e sublinha o facto ao afirmar:

“Tive o privilégio de viver numa casa que não era a minha, mas onde eu passava muito tempo, [casa] de amigas da escola. Eu acabava por ser meio adotada na casa... Nesta casa sim, havia livros e as pessoas eram muito cultas, uma família muito grande. Eu tinha uns sete anos... Antes disso, eu não me lembro de ninguém a contar-me ou ler-me histórias. [Naquela] Casa, as pessoas contavam muitas histórias e, também, eu tinha acesso aos livros que liam. Eu ouvia e lia [histórias].”

Assim, de certa forma, a saída da aldeia e a perda daquela infância em liberdade foi compensada pelos vínculos que criou com esta família da qual fala com um certo orgulho e admiração. Parece que o ambiente de erudição e conhecimento que aí se vivia foram um marco e incentivo para que a pequena Celeste se transformasse numa rapariga de gosto requintado, apreciadora de arte, livros e boa educação. A roca tece a vida...

Ao descrever a casa, que para ela se constituía num lugar quase sagrado, fala com entusiasmo e admiração, pois era mesmo uma casa requintada, com vários cómodos, jantares com muitos convidados, pratarias e muitas obras de arte. Celeste não se recorda de escutar histórias antes de frequentar o palacete, pois diz “(...) a minha mãe não contava histórias, tinha muito o que fazer...era uma pessoa excepcional, mas não contava histórias” e, assim, a hora do conto foi marcada pela voz da tia L (a tia das amigas) que após o jantar proporcionava às crianças, com muita frequência, um momento especial, encantado e cantado. Lembra-se de que a tia das amigas era também um pouco sua e diz:

“A tia contava com uma forma muito especial. (baixa o tom da voz e sussurra) Sentávamos na alcatifa e ela ao piano tocava e contava [histórias]. Nós pedíamos para ela contar... ela contou-nos: A Bela Adormecida, sem livro! Contava sempre sem livro, mas depois dizia-nos para ler o livro. A imagem da Bela Adormecida, princesa Bela, com vestidos... a casa era um pouco desse imaginário, a casa em si era muito especial... a sala de visita era a do silêncio, era diferente... tinha uma educação rígida. Não se corre, pede-se licença para entrar, respeito aos mais velhos...a família era muito grande, vinte e tal pessoas à mesa...magia! Enquanto a minha casa era uma casa vulgar... era a minha casa, mas eu passava mais tempo na outra casa do que na minha.”

Celeste, muito espontaneamente, faz um contraponto entre a sua casa, uma casa vulgar, e a casa grande e especial, onde aconteciam jantares e saraus. Já não está na sua pequena aldeia, contudo a vida ali era boa, “Hum...hum...eu vivia e tinha tudo... (...) tudo diferente daquilo que as crianças de hoje... aspetos afetivos, pois neste tempo o material não me fez tanta falta (...)”. Continua a falar e valoriza os aspetos afetivos, pois embora a vida tivesse passado a ser mais difícil do ponto de vista material, ela conseguia sentir que tinha tudo.

Mais à vontade, discorre livremente e faz avanços e recuos no tempo. A casa parece ser o seu espaço sagrado e poetizado. Um lugar onde a vida era a promessa de dias festivos e acolhedores, onde habitavam as histórias e os sítios mágicos e secretos. A tia oferecia-se como janela, descoberta do mundo, possibilidade de sentido porque era uma convocação para um futuro que se faria de livros, histórias, crianças... Seria a tia um modelo para aquela que um dia se tornaria educadora de infância e contaria histórias aos mais pequenos? A roca tece a vida...

5.6. Camélia e a mulher ausente

Nasceu na Alemanha, filha de pais emigrantes, viveu neste país até aos seis anos, onde fez o “pré-escolar”, altura em que regressou, apenas com a mãe, a Lagares, na Régua. Larga o conforto da água quente, o chuveiro, o aquecimento central para viver numa aldeia sem estes recursos. Falando apenas alemão, a sua integração foi dificultada também pelos professores do 1º ciclo de quem guarda “péssimas recordações”. Os dois anos em Lagares foram muito difíceis. Muda-se para Vila Nova de Gaia, porque a mãe regressa à Alemanha e fica a cargo de uns tios nesta cidade. Frequenta o Colégio de Gaia até ao 12º ano. Considera que teve sempre uma formação, de alguma forma, protegida quer em Vila Nova de Gaia, quer mais tarde no curso de jornalismo, também numa instituição privada.

De uma forma mais específica, refere que se lembra:

“ (...) perfeitamente da professora dos 1º e 2º. anos. Esta foi uma pessoa que me marcou mais positivamente do que a primeira embora jamais tenha gostado. O professor do 4º ano foi péssimo, péssimo ao ponto de ser violento e de me ter batido mesmo à frente dos colegas. O do 3º ano não... era uma pessoa extraordinária... muito meiguinho. Já com a sua idade muito avançada, mas que me marcou sempre pela positiva. O professor do 4º ano era capaz de contar mais histórias do que os outros. Os do 1º e 2º nem pensar. O do 3º era um professor meiguinho, mas exigente, mas não contava histórias. O do 4º ano sim, contava algumas, umas lengalengas, quando nos obrigava a decorar.”

Salienta a inexistência de alguém que contasse histórias, quer na Alemanha, quer em Portugal, não se referindo aqui ao exigente professor do 4º ano. No “pré-escolar”, lembra-se da pintura e dos trabalhos manuais. Apaixonou-se pela leitura com dez, onze anos a partir de um livro que uma prima lhe ofereceu. A este propósito, afirma que:

“(...) curiosamente a minha prima era e ainda é uma leitora... está sempre a ler... sempre que a vejo está sempre com um livro na mão no entanto não me conseguiu transmitir esse gosto. Foi só por um acaso. Era um livro sobre uma bruxa.”

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida é a possibilidade de se obter respostas, de se aprofundar questões, de reunir material para ampliar as teorias em questão e,

até mesmo, de poder propor novas questões. Nem sempre nos é possível chegar a conclusões exatas quando se trabalha com as subjetividades e a sua interpretação. Sabe-se que entre o sujeito e a sua experiência existem lacunas, estas preenchidas pelo não-dito, pela ausência ou pelo que se considera indizível. Logo, o trabalho aqui apresentado está pleno de possibilidades, na medida em que se reconhecem as muitas formas de se apropriar da temática, mas também dos resultados, enquanto produto final.

O papel que a mulher representa orienta-a para a vida doméstica, cria estereótipos, tal como se percebe no discurso de Margarida: *“É diferente sermos mulheres ou sermos homens (...) as personagens femininas mais marcantes, boazinhas e sofredoras que conseguiam vencer pelo bem”*, ou seja, a mulher subjugada ao destino e ao seu papel social de “cuidar” da casa, da família... que muitas vezes sofre, mas se sente gratificada por ter desempenhado bem a função que lhe foi atribuída socialmente, tal como acontece com tantas heroínas dos contos de fadas. Percebem-se estes processos de identificação também em situações concretas da vida real. Violeta perde-se dos pais na praia num verão, tal como o *“Capuchinho Vermelho e a ideia da menina perdida na floresta...”*.

Em muitos momentos a **mãe** surge como a contadora de histórias. Tanto para Margarida que era a mais nova de uma família com muitos irmãos, como para Violeta, era a mãe quem *“(...) contava com afeto histórias à janela”*... era a mão da mãe debaixo da cara antes de adormecer de que se recorda, salientando-se a *“(...) ternura da voz da mãe a mimetizar a voz do lobo mau”*. Também no discurso de Maria, a mãe está muito presente. Sobretudo em momentos de transição da sua vida. No entanto, quando se trata de referir pessoas significativas que lhe contavam histórias, Maria recorda-se antes da sua **professora** da escola primária. Para Magnólia não há dúvidas *“(...) a minha avó foi a Mãe das histórias”*. Reconhece, no entanto um papel muito importante à sua Mãe que surge como responsável por abrir a porta do mundo dos livros *“Porque a minha mãe, apesar de não gostar muito de contar histórias, sempre foi uma grande defensora dos livros.”*. Criam-se vínculos afetivos importantes, como nos diz Margarida: *“Desde muito pequena a minha mãe contava-nos contos à noite, era um momento especial de mimos, de nos dar colos...”*. Apenas num caso a entrevistada disse: *“Contavam-me para me entreter, mas nunca para me ensinar coisas. Era o momento de sossego, de ajudar a serenar-nos e se, estávamos agitados, para ajudar a dormir.”*

No caso da Celeste, contrariamente à grande maioria das entrevistadas, a sua iniciação nas histórias, de acordo com as suas lembranças, foi exterior ao meio familiar, embora considere que era meio adotada pela família das amigas da escola, porque passava a maior parte do dia em casa delas. Para além disso, refere que a mãe *“(...) não contava histórias, tinha muito o que fazer... era uma pessoa excecional, mas não contava histórias.”* Se, no que diz respeito à presença dos contos ou outras narrativas literárias na família parecem não existir referências, o mesmo não acontece quando cita por várias vezes a experiência tão significativa de ter ouvido as histórias narradas pela **tia** das amigas. Tendo em vista que a narradora das histórias se situava entre o real e o imaginário, podemos considerar que a figura de tia é a grande referência das histórias para Celeste, embora ela também afirme que os livros tiveram e têm uma grande importância na sua vida pessoal e profissional, a voz

que guarda na memória é de uma mulher real, mas contextualizada num cenário maravilhoso onde tudo pode acontecer e, de certa forma, é nesta narradora que a nossa entrevistada se projeta para narrar ela própria as suas histórias.

Logo, a **relação com o feminino** parece ser permanente do ponto de vista de quem narra as histórias. As mulheres construíram com as histórias memórias nas entrevistadas. Estas memórias são repetidas, erguidas e sustentadas na relação das mulheres com a palavra, com a ficção, como lugar de refúgio balsâmico para se olhar a realidade. Portanto, é na educação como mosaico apresentado através de muitas dimensões que encontramos múltiplas vozes do feminino, compostas por inúmeras representações relacionadas com a função pedagógica. A mulher-mãe, a mulher-avó, a mulher-tia, a mulher-educadora compõem o cenário da educação como espaço privilegiado para se assumirem como narradoras que contam para divertir, para educar, para apresentar valores, para escapar, para dominar, para transgredir, e sobretudo, para ser. Ser voz na medida que conta, narra e se constrói. Parece-nos que nunca houve tanto desejo de narrar e ser narrado como no mundo contemporâneo. Estamos em permanência e prontidão para propor e buscar sentidos que nos possam construir como identidades em movimento, em desconstrução e recriação. Somos histórias, habitamos em histórias.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Borges-Duarte, I., Henriques, F.; Dias, I. M. (2000). *Texto, Leitura e Escrita - Antologia*. Porto: Porto Editora.
- Denzin, N. k. (2009). Narrative's Moment. In M. Andrews, S. D. Scalter, C. Squire; A. E. Treacher. *The Uses of Narrative: Explorations in Sociology, Psychology, and Cultural Studies* (pp. IX- XIV). New Brunswick, New Jersey: Transaction Publishers.
- Lopes, M. A. (1989). *Mulheres, espaço e sociabilidade : a transformação dos papéis femininos em Portugal à luz de fontes literárias(segunda metade do século XVIII)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Maturana, H. (2002). *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Meireles, M. T. (2005). *A partilha das palavras nos contos tradicionais*. Lisboa: Apenas Livros.
- Warner, M. (1999). *Da fera à loira: sobre contos de fadas e seus narradores*. São Paulo: Companhia de Letras.